

CRIME EM JUNHO DE 2022

Supremo confirma pena máxima para mãe de Jéssica por violação dos deveres de mãe

Rogério Matos

Jéssica Biscaia, de três anos, foi assassinada com 150 pancadas em casa de Ana Cristina, Justo Montes e Esmeralda em Junho de 2022 em Setúbal. A mãe, Inês, nunca pediu ajuda apesar de morar perto da PJ e GNR. Agora viu o Supremo Tribunal de Justiça confirmar a pena de 25 anos de prisão pela participação no homicídio da filha.

Os juízes conselheiros tiveram em conta a “extrema gravidade da actualização da arguida que violou severamente os deveres de zelar pela segurança e protecção da menor e providenciar pela prestação de socorro e cuidados para evitar a sua morte”.

O homicídio deu-se sem que fosse conhecido o motivo ao longo de cinco

**Mãe da menina de três anos não pediu ajuda apesar de viver perto da PJ e da GNR**

dias, entre 15 e 20 de Junho no Beco da Pinhana. A investigação apontou uma dívida de bruxaria contraída por Inês a Ana Pinto para amarração do então namorado, Paulo Amâncio, e que consistia num saco de ervas que Inês colocou debaixo da cama, mas o tribunal não deu credibilidade a tal.

“Cada nódoa negra no corpo da menina era uma pancada e foram contadas 76 pancadas, mais 78 picadas, incluindo o derrame de um produto abrasivo na face da menina e peladas na cabeça, fruto de puxões quando a menina estava já moribunda e sem capacidade de regeneração”, descreveu o juiz Pedro Godinho, do Tribunal de Setúbal.

No dia em que a menina morreu, Inês levou-a para casa já moribunda, passou junto da PJ, GNR e perto do hospital, mas optou por não pedir

socorro. Para o Supremo Tribunal de Justiça, Inês Sanches “agiu com especial perversidade e censurabilidade por ser mãe da vítima, por a vítima ser pessoa particularmente indefesa e por ter agido em comparticipação com os restantes arguidos”.

Em tribunal nunca se conseguiu comprovar quem fez o quê a Jéssica, mas todos os que moravam na casa onde ocorreu o homicídio ou bateram ou conformaram-se com as agressões que a menina sofreu e que aconteceram quando estavam lá, defendeu o tribunal. Os vestígios encontrados na casa dos arguidos, mesmo depois da tentativa de limpeza com lixívia e fuga para Leiria, a conjugar com as câmaras na GNR, PJ, e num multibanco que captam a menina são provas do que aconteceu.